

OS POVOS TÊM QUE CONHECER-SE PARA SEREM HOMENS PERTO DOS HOMENS

— Dr. Luigi Corti ao falar à Informação a respeito da Associação de Amizade e Solidariedade Itália-Moçambique

★ Como nasceu a Organização e o que pretende

Os fortes laços de amizade e solidariedade que unem os povos moçambicano e italiano, desde os tempos da Luta Armada de Libertação Nacional aos nossos dias, foram tema de uma entrevista que o Dr. Luigi Corti concedeu à Informação. Para além de já ter estado a trabalhar no nosso País, durante cerca de quatro anos como médico ginecologista na Maternidade do HCM, o tema central daquele encontro foi a recente criação da Associação de Amizade e Solidariedade Itália-Moçambique, organização de que é Presidente.

Dr. Luigi Corti é natural da província de Brescia, cidade situada na região da Lombardia daquele país da Europa Mediterrânica. Presentemente tem 54 anos de idade. Tirou o curso de Medicina na Universidade de Pavia, em 1952, trabalhando, em seguida, no Hospital de Cremona, igualmente situado na Lombardia. Até 1976, altura em que juntamente com sua esposa e dois filhos, veio trabalhar no nosso País, foi Director da Maternidade de um hospital situado na periferia da cidade de Brescia.

Pela sua importância e, fundamentalmente, pela história da referida organização — porque como disse o Dr. Luigi Corti — «Uma Associação como esta não nasce assim, sem semente. Há uma História» — publicamos hoje na integra a referida entrevista, feita na semana passada aquando de uma breve estada entre nós.

PERGUNTA — *Qual o motivo da sua deslocação à República Popular de Moçambique?*

DR. LUIGI CORTI — O objectivo desta deslocação, está ligado ao trabalho

PERGUNTA — *Qual o motivo da sua deslocação à República Popular de Moçambique?*

DR. LUIGI CORTI — O objectivo desta deslocação, está ligado ao trabalho de uma delegação do Departamento de Cooperação Internacional do Ministério dos Negócios Estrangeiros da Itália que veio a Maputo para verificar qual é actualmente a situação da cooperação italiana neste país. Há, de facto, uma saída de técnicos voluntários italianos, que já aqui trabalharam durante alguns anos, por terem acabado os seus contratos. Assim, o Ministério dos Negócios Estrangeiros da Itália está interessado em analisar com o Governo moçambicano, a possibilidade das possibilidades, num futuro próximo, de se dar continuidade a esta colaboração e este apoio ao processo de reconstrução nacional.

A minha presença é devida ao facto de eu estar ligado a essa deslocação do Ministério dos Negócios Estrangeiros da Itália.

PERGUNTA — *Tivemos conhecimento que muito recentemente foi criada a Associação Itália-Moçambique. Gostáramos que o Dr. Corti nos falasse da forma como surgiu essa Associação e dos objectivos que ela pretende atingir.*

DR. LUIGI CORTI — Em Brescia, Itália, nasceu uma Associação Itália-Moçambique. A cidade de Brescia, num espírito de tradição, de simpatia e de solidariedade que a liga a Moçambique — desde os anos de Luta de Libertação — constitui uma Associação de amigos do vosso País. Pretende ser aberta a todo o território nacional de Itália. Tem a finalidade de reforçar os laços de amizade, que já existem em muitos níveis e de desenvolver, através de um intercâmbio cultural, uma frutuosa e recíproca solidariedade entre a Itália e Moçambique. Assim, irá lançar sugestões e indicará, de acordo com

o Governo moçambicano, formas concretas de apoio e de solidariedade.

PERGUNTA — *Qual é o programa imediato que a Associação Itália-Moçambique tem?*

DR. LUIGI CORTI — Bem, a Associação não tem dinheiro. Há instituições públicas e privadas que o têm. de Cooperação Internacional do Ministério dos Negócios Estrangeiros que,

já desde 1976, está a desenvolver aqui. Em primeiro lugar, o Departamento um programa de cooperação enviando técnicos, especialistas e voluntários, para os campos de Saúde, Agricultura, Indústria, etc.

A Associação começará por apoiar e incentivar mais este programa de apoio que já está a ser desenvolvido.

O programa da Associação não é

só conseguir dinheiro, mas também, o de fazer viver os exemplos daqueles nossos antepassados que, com gestos por vezes proféticos, ensinaram-nos o que é a solidariedade. Nós temos o dever e obrigação de guardar este património humano e transmiti-lo aos nossos filhos para que eles aprendam também o que é a solidariedade entre os povos.

PERGUNTA — *Já deu em traços gerais os objectivos da Associação. Há, com certeza, pormenores de particular interesse sobre a forma como ela surgiu. Pode-nos dar uma ideia a esse respeito?*

DR. LUIGI CORTI — Uma Associação como esta não nasce assim, sem uma semente. Há uma História. Um cidadão da terra bresciana, que foi o padre César Bertuli, contribuiu, durante 28 (vinte e oito) anos, de forma generosa para o melhoramento das condições de vida do Povo moçambicano. Apoiou-o, sobretudo, na sua Luta de Libertação. Foi assim que em 1972 foi expulso de Moçambique pelos colonizadores. O seu engajamento não ficou por aí. O seu apoio continuou nas confe-

rências, nos livros que escreveu, na rádio e televisão de muitos países e nos jornais. Assim, em muitos países e junto do povo da sua terra, teve a oportunidade de explicar bem o que era o colonialismo, o que se passava aqui, os massacres e tudo aquilo que o caracterizava. Também assim fez gerar solidariedade.

Em 1978 Brescia teve a honra de receber um alto representante do Governo moçambicano, na pessoa do Sr. Ministro Óscar Monteiro, ao qual a nossa cidade deu sinceras e cordiais boas-vindas. A seguir houve mais um passo concreto. Trata-se de uma delegação moçambicana, chefiada pelo Director Nacional, Jorge Graça e que integrava o sr. Massavanhane (na altura era responsável do Conselho Executivo da Cidade de Maputo). Mantiveram contactos com o Síndogo (equivalente ao Presidente do Conselho Executivo da Cidade), de Brescia, Césare Trabesqui e com todas as organizações políticas e institucionais, bem como do sector de produção.

No contexto dessa deslocação, foi concluído um acordo, na base do qual, moçambicanos iriam fazer um estágio em Brescia, sobretudo, no que respeita à manutenção de uma cidade. Assim, durante oito meses aprenderam, estudaram e viram como é que na cidade de Brescia os serviços municipalizados trabalham no que diz respeito à desinfectação, limpeza, transporte público, distribuição de electricidade, manutenção das máquinas para limpeza e a lixeira da cidade. O comportamento destes companheiros moçambicanos foi óptimo. Eles aprenderam muito bem e ficaram satisfeitos. Nós também. Pensamos que já estão a dar frutos aqui, sobre este sector particular.

PERGUNTA — Que trabalho é que a Associação Itália-Moçambique vai desenvolver? Recentemente veio ao nosso País o Navio de Solidariedade Italiana. Gostaríamos de saber se existe alguma relação entre esse acontecimento e a constituição da referida organização.

DR. LUIGI CORTI — O Navio de Solidariedade de Itália chegou aqui com a ajuda de toda a Itália. Isto é, com a solidariedade de todas as instituições, todos os partidos políticos, sindicatos e do povo em geral. A iniciativa surgiu em Reggio Emilia, local onde já há uma história de solidariedade grande com o Povo moçambicano. Mas, claro que estas relações são sempre recíprocas. Quer dizer, é o mar que dá a água ao céu. Mas depois, é o céu que dá a água ao mar. Quando dois povos se conhecem e, para além disso, o seu conhecimento vai ao nível da língua, da História da própria tradição e da luta do dia a dia, vai formar-se um cordão que os liga. Através desse cordão, através das veias e artérias do cordão, é sangue que passa. Neste sentido estamos a ver as vantagens recíprocas destas mútuas ajuda e solidariedade. Além disso, os moçambicanos têm uma História excepcional e muitas coisas a ensinar. Uma História que tem muitas coisas a ensinar-nos.

PERGUNTA — O Dr. Corti terminou recentemente um contrato com o Governo moçambicano e regressou a Itália. Com certeza que entre as diversas tarefas que o regresso implica, falou um bocado de Moçambique. Pode-nos dar uma ideia sobre a maneira como o Povo italiano recebeu, particularmente em Brescia, aquilo que transmitiu?

DR. LUIGI CORTI — Claro que a experiência que o Dr. Corti teve aqui é algo excepcional. Uma experiência que nunca irei esquecer na minha vida.

Era lógico que voltando à sua terra, o Dr. Corti falasse com a sua gente. Falámos e discutimos vários aspectos. Desenvolvemos um trabalho de sensibilização e, daí, nasceu também esta Associação Itália-Moçambique. Talvez tenha sido por isso que as pessoas pensaram que o Dr. Corti tinha que ficar Presidente da Associação, embora eu não tenha mérito especial nenhum.

PERGUNTA — E, portanto, Presidente da Associação Itália-Moçambique?

DR. LUIGI CORTI — Nesta altura. Depois, espero que outras pessoas mais dignas que o Dr. Corti tomem esta responsabilidade porque sem dúvida nenhuma é uma pesada responsabilidade.

PERGUNTA — Conforme disse, a sua experiência foi excepcional. O jornalista também investiga e nós sabemos que a sua passagem por Moçambique também nos marcou e há pessoas que se recordam de si, embora já tenham passado dez meses. Ouvimos algo a respeito de um possível regresso a Moçambique para cumprir um novo contrato. O que é que nos pode dizer a esse respeito?

DR. LUIGI CORTI — Sem dúvida que a experiência que tive foi excepcional, sobre todos os aspectos. Sobre o ponto de vista humano, profissional, cultural, social e político. Então, claro que o Dr. Corti, no seu íntimo, deseja voltar a trabalhar neste país. Mas, há uma condição contingente que está ligada às necessidades da família que tem que continuar a viver na Itália. O Dr. Corti não pensa viver deslocado da família. Há a hipótese de voltar mas tem que

ser verificada nos pormenores para ver se existe a possibilidade de uma ligação, talvez alternada, entre períodos que podem permitir o desenvolvimento de uma tarefa aqui e, também, uma assistência à família em Itália.

PERGUNTA — Qual é a mensagem que o Dr. Corti gostaria de dirigir ao nosso Povo?

DR. LUIGI CORTI — Deve ter um alto coração porque a vitória é certa, embora a luta seja dura. Não ter medo nenhum porque a vitória chegará completa na independência política e económica. Completa na construção de uma nação maravilhosa e feliz.

— ★ —

Após esta parte da entrevista, enquanto se comentava o que aparentemente já tinha sido a entrevista propriamente dita e depois de dizer que já estava muito longa, o Dr. Corti teceu os seguintes comentários:

Após esta parte da entrevista, enquanto se comentava o que aparentemente já tinha sido a entrevista propriamente dita e depois de dizer que já estava muito longa, o Dr. Corti teceu os seguintes comentários:

— Eu não sou político. Sou um ginecologista que conhece tudo o que está dentro da barriga das pessoas. Fora daí já não sei nada. Agradeço muito a vossa presença aqui. Estou muito comovido com esta expressão. As palavras que aqui foram ditas...

Fui visitar a Maternidade e não consegui dormir à noite. Fiquei muito emo-

cionado com a festa que os trabalhadores que ali fui encontrar fizeram ao Dr. Corti. Fiquei muito emocionado. Os trabalhadores estão a viver uma luta incrível. Estão a fazer um trabalho excepcional.

Ali, nascem mais que dezasseis mil bebés por ano. Não foi pelo Dr. Corti que nasceu esta gente toda. A assistência que foi dada a todas estas pessoas, quem foi? Foi o pessoal que está a trabalhar ali. Embora com muitas insuficiências, com muitos limites mas, sem dúvida nenhuma com um entusiasmo, com uma dedicação excepcionais. Eu fiquei muito admirado e aprendi muitas coisas com o pessoal que estava a trabalhar comigo. Claro, pessoal que talvez precise de um apoio, uma ajuda, uma reciclagem, é isso que queremos dar para trabalharem melhor para terem uma maior satisfação no seu trabalho.

PERGUNTA — Isto exige uma pergunta, se nos dá licença. Portanto esse é um dos trabalhos da Associação Itália-Moçambique, esse participar na criação de condições. Como também conhece a nossa realidade, depois de aqui ter trabalhado durante cerca de quatro anos.

pode-nos dar uma ideia dos aspectos de que se pode revestir a contribuição da Associação?

DR. LUIGI CORTI — A Associação irá lançar sugestão. Irá apresentar formas concretas dentro das prioridades do país, como é que o Povo italiano pode apoiar este país. Quais são as suas prioridades. E, sobretudo, dar uma informação objectiva a seu respeito. A imprensa na Itália é muito diferente. Há determinantes políticas também. Um jornalista de uma certa extracção política vai dar uma informação totalmente diferente de um de outra extracção política. Ainda mais, há jornalistas que vão escrever sobre Moçambique depois de terem visitado o País após somente dez ou quinze dias... Isto muitas vezes não é objectivo.

Um dos objectivos da Associação é dar uma informação objectiva a respeito do que se passa e, sobretudo, informar a respeito das prioridades que o país tem, para concretizar melhor um eventual apoio que vai ser dado ao país. Isto, sobretudo, no que diz respeito

(Continua na página seis)

(Continuado da página três)

to à formação de quadros. Há sectores que ainda não têm bons quadros.

Estou a falar sobretudo do campo da Saúde.

Penso que todos os hospitais italianos têm possibilidades de dar assistência aos colegas moçambicanos que tenham necessidade de aperfeiçoar os seus próprios conhecimentos e de melhorar a sua preparação científica e técnica. É por isso que a Associação irá apoiar estes sectores, de acordo com as necessidades do Governo moçambicano. Sobre tudo no que diz respeito à formação de quadros através da oferta de bolsas de estudo, períodos de estágios nos hospitais mais qualificados e mais ricos de possibilidades.

PERGUNTA — Talvez seja a última pergunta. Tocou num aspecto que é muito importante. Isso de ter conseguido criar uma Associação que englobe todas as correntes políticas em Itália e,

fundamentalmente, o Povo italiano. Pode-nos dar uma ideia a respeito das razões do caminho seguido?

DR. LUIGI CORTI — Já no acto jurídico desta Associação estavam presentes pessoas de diferente extracção política, de diferentes partidos políticos. Pretendemos que esta Associação esteja aberta não só a um ou outro partido político, mas, e fundamentalmente, ao povo. É o povo que tem que conhecer a história deste país e que deve criar laços de amizade com o Povo moçambicano. Logo, não pode ser de um ou outro partido político, mas sim, uma Associação que vá integrar todas as instituições do Estado, todos os partidos políticos e sindicatos, todas as comunas, províncias e regiões de Itália.

PERGUNTA — É de particular significado que o padre Bertuli, que foi expulso de Moçambique pelo regime colonial-fascista porque há muito estava relacionado com a FRELIMO, seja um dos germes desta Associação. Qual foi a acção do padre César Bertuli especificamente no que diz respeito ao facto de não estar desligado da criação da Associação Itália-Moçambique?

DR. LUIGI CORTI — O padre Bertuli é só uma referência. É um ponto de referência pela maneira como ele trabalhou. Ele era um padre, mas, antes de trabalhar como padre, trabalhou como homem. Este é um exemplo que nós queremos guardar e transmitir a todos os cidadãos de Itália e aos nossos filhos.

Todos os técnicos que chegam aqui, um como ginecologistas, outro como mecânico ou criador de pequenos animais, em primeiro lugar temos que ser homens perto dos homens. É assim que

os dois povos. Os povos têm que conhecer-se entre eles, como homens. Ninguém depois vai esquecê-los. Os laços vão ficar fortes. E nada os pode destruir.